

A noção de verdade segundo santo Tomás de Aquino

Saulo Fernandes Brito¹

Victor Hugo Pereira de Oliveira²

Bráulio Tarcísio Porto de Matos³

Abstract: This paper intends to show the concept of “truth” formulated by Saint Thomas Aquinas; since, to St. Thomas, the concept of “truth” is the goal for which the intellect heads, it is important, then, to make clear what to expect when searching for such “truth”. Thus, it is intended to demonstrate the proposition that the truth is the matching between the intellect and the thing; such vision contributed a lot to Scholastics’ development and will keep contributing to the current philosophical researches. This analysis will be made through Jean-Dominique (OP) contributions and an approach of Aristotle and Chesterton’s ideas to the Aquinate’s will be made. For St. Thomas, truth communicates something essentially human, for the intellect seems to lean for that thing which is truthful; that being said, human being is called out to search for the truth and live by it, it’s also important to elucidate what’s the ultimate goal of the intellect.

Keywords: Truth; Saint Thomas Aquinas; Adequation; Intellect

Resumo: Pretende-se, com este artigo, demonstrar a concepção de verdade formulada por Santo Tomás de Aquino; uma vez que, para Santo Tomás, a verdade é a meta para onde a inteligência se dirige, deve-se, então esclarecer o que se esperar alcançar quando se busca a verdade. Deste modo, pretende-se demonstrar a afirmação de que a verdade é a adequação entre o intelecto e a coisa; tal visão contribuiu bastante para o desenvolvimento da Escolástica e ainda tem muito a proporcionar para as pesquisas filosóficas atuais. Esta análise se dará através das contribuições do dominicano Jean-Dominique e será feita uma aproximação das ideias de Aristóteles e Chesterton às de Santo Tomás. Para Santo Tomás, a verdade comunica algo de essencialmente humano, pois o intelecto parece tender para aquilo que é verdadeiro; deste modo, o ser humano é conclamado a buscar a verdade e viver por ela. Importa, assim, esclarecer o que vem a ser o fim próprio da inteligência.

Palavras-chave: Verdade; Santo Tomás de Aquino; Adequação; Intelecto.

INTRODUÇÃO

Cada ser humano parece possuir, em si mesmo, um desejo de conhecer a verdade, conforme Aristóteles (2005). No entanto, não aparenta ser muito

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade de Brasília

² Mestrando em Estudos Literários Comparados pela Universidade de Brasília

³ Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília; Professor Adjunto do Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

coerente – da parte daqueles que dizem que toda verdade é relativa – uma comprovação desta afirmação na vida cotidiana. Se, contudo, não é tão evidente a perspectiva que a pessoa humana dirige-se para a verdade, não parece ser tão questionável até o ponto de assumi-la como completamente relativa.

Santo Tomás de Aquino, na Suma Teológica, afirmou que a ciência tem por objeto a verdade (cf. AQUINO, S.T., I, q. 16)⁴, confirmando aquilo que dissera Aristóteles, que chegara a intitular a filosofia como ciência da verdade, “por que o fim da ciência teórica [filosofia] é a verdade” (ARISTÓTELES, 2005, 993b). Partindo desta constatação, Santo Tomás chegou a afirmar que a verdade é aquilo que toda a inteligência busca: “enquanto o termo do conhecimento, que é a verdade, está no próprio intelecto” (cf. AQUINO, S.T., I, q. 16, Art. 1). E, para o Aquinate, a finalidade de uma coisa indica algo de elementar sobre ela: a sua perfeita expressão, sua realização, se dá quando ordenada ao seu fim:

Entre outras ideias, o Filósofo afirma que o ofício do sábio é colocar ordem nas coisas. Ora, todos quantos têm o ofício de ordenar todas as coisas em função de uma meta devem haurir desta mesma meta a regra do seu governo e da ordem que criam, uma vez que todo ser só ocupa o seu devido lugar quando é devidamente ordenado ao seu fim, já que o fim constitui o bem de todas as coisas (AQUINO, S. G., I, 1).

A filosofia moderna, entretanto, aparenta estar inclinada para negar essa evidência constatada pelo Aquinate (Cf. IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 13). Há pessoas que, certamente, convenceram-se de que suas próprias concepções seriam a expressão da realidade e do mundo. É preciso, então, esclarecer aquilo que Jean-Dominique afirmou como um fato: “a inteligência de todo homem é feita para a verdade. Assim como a retina é feita para receber a luz, e o pulmão o oxigênio, a inteligência também necessita conhecer a verdade. É a sua própria vida” (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 13-4).

Várias seriam as possibilidades de se demonstrar que a inteligência está buscando sempre uma verdade. Contentar-se-á, neste artigo, com apenas uma: o bem. Pois, de acordo com Santo Tomás, o termo aponta para o qual tende a vontade (cf. AQUINO, S.T., I, q. 16, Art. 1). Conforme o Aquinate, no entanto, a vontade, por si própria, é cega, uma vez que ela tenderia a desejar o bem que a inteligência lhe apresenta. Somente a inteligência poderia ditar o que é o bem para o qual a vontade humana deveria procurar. Sendo assim, a vontade esperaria que a inteligência lhe ditasse o bem.

⁴Afim de tornar mais didático, a partir daqui adotaremos as seguintes abreviações para indicar as obras de Santo Tomás de Aquino: S.T – Suma Teológica, S.G – Súpula contra os gentios e Q.V – Questões disputadas sobre a verdade.

A DEFINIÇÃO DE VERDADE

Para delimitar a noção de verdade, é preciso identificar onde esta residiria. Logo no primeiro artigo, da questão XVI da primeira parte da Suma Teológica, o Aquinate propôs-se a realizar esta investigação ao levantar a seguinte questão: “A verdade existe somente no intelecto, ou, antes, nas coisas?”⁵ (AQUINO, S.T., I, q. 16, a. 1).

Segundo Jean-Dominique, a verdade, na linguagem corrente, adquire duas conotações, a saber: uma ontológica e a outra lógica. A primeira noção, ontológica, poderia ser entendida nos seguintes termos: *essa jaqueta é de couro legítimo*. Quer-se-ia dizer, com isso, que tal produto está realizando plenamente a sua própria existência. Essa verdade seria chamada como, portanto, ontológica.

Porém, utiliza-se o termo *verdade* para a identificação de proposições que são verdadeiras ou falsas, ou seja, algo que estaria para além de qualquer coisa meramente material, mas que derivaria de uma análise da própria inteligência sobre o enunciado que foi dito ou pensado. Essa seria, portanto, a verdade lógica. (cf. 2015, p. 21)

Dever-se-ia, assim, ponderar qual o modo próprio da utilização do conceito (ao modo ontológico ou lógico) será a mais elementar para o Aquinate. Ao examinar esta questão, o seu resultado terá tal importância para este artigo que servirá para indicar a maneira própria de enxergar a verdade – tanto como conceito quanto método de investigação da realidade⁶ – e como isto deve se aplicar na investigação desta.

É oportuno, então, considerar as diferenças subjacentes aos conceitos de *conhecimento*, *verdade* e *verdadeiro* para se compreender melhor a maneira como estas operam no nível epistêmico. Ademais, parece ser elementar que, para que aja o conhecimento, este seja de algo completo. “A primeira tem como critério aquilo que antecede a verdade e no qual se fundamenta o verdadeiro. É assim que Agostinho define: ‘o verdadeiro é aquilo que é’” (AQUINO, Q.V., I, 3). Isso significa que o conhecimento só pode ser completo na medida em que algo *é* de fato, não podendo assim restar à inteligência humana concebê-la⁷.

⁵ No artigo segundo das “Questões disputadas sobre a verdade”, também vê-se enunciada esta mesma questão; o que demonstra para nós a importância do tema para compreender como opera a verdade.

⁶ Deve-se considerar a realidade como expressão de tudo aquilo que existe, neste sentido incluíse o mundo material e espiritual no parecer de Santo Tomás.

⁷ É necessário salientar que, para Santo Tomás de Aquino, ainda que o conhecimento seja limitado, isso não quer dizer, contudo, que ele deixe de ser verdadeiro. Como é o caso

Seguida desta primeira noção, o Aquinate entende que há a verdade quando, de certo modo, há a presença do objeto naquele que o conhece. “A segunda definição baseia-se naquilo que constitui *formalmente*⁸ o conceito de verdadeiro. Assim diz Isaque: ‘A verdade consiste na assemelhação (sic) da coisa com a inteligência’” (AQUINO, Q.V., I, 3). Isso significa dizer que o conhecimento é um ato pelo qual a inteligência toma para si o objeto que conhece, tornando-o presente nela de certo modo. Não quer dizer, contudo, que essa presença seja material. “Essa presença não poderia ser física, certamente. Não pode ser senão espiritual, dado que a inteligência que a recebe é, ela própria, espiritual⁹” (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 24).

Por fim, chega-se ao terceiro momento no qual a verdade seria algo que deveria, primeiramente, residir na inteligência. Ou seja, ela é lógica e, por isto, deve estar nas coisas, o que significaria dizer que tal verdade é a verdade ontológica. “A terceira definição da verdade e do verdadeiro baseia-se no *efeito*¹⁰ que segue. Nesta linha Hilário afirma: ‘O verdadeiro é o ente que se revela e se explica’. E Agostinho: ‘A verdade é aquilo através do qual se revela aquilo que é’. Ou então, na mesma obra: A verdade é o critério pelo qual julgamos o que é terrestre” (AQUINO, Q.V., I, 3). O Aquinate quer, com isto, expressar que a inteligência se transforma de acordo com o objeto que o informa, ou seja, modela-se a ele.

Aqueles que procuram investigar a noção de verdade são “[...] então, levados a constatar o que é a verdade: ‘A verdade está na inteligência na medida em que esta se torna conforme à coisa inteligida. ‘Tornar conforme’ quer dizer que a ‘forma, isto é, a determinação que aperfeiçoa daí em diante a inteligência, a luz que clareia, é uma similitude da coisa conhecida’” (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 25). Portanto, pode-se perceber que a definição de Isaque, conforme citada por Santo Tomás, poderá servir como expressão da verdade: *Veritas est adequatio rei et intellectus*¹¹. Pois, para o Aquinate, o intelecto se adequa, ou se assemelha, à verdade quando a coisa pertence, de certo modo, ao que a conhece:

A verdade, como dissemos, na sua noção primária, existe no intelecto. Pois sendo toda realidade verdadeira, na medida em que tem a forma própria da natureza, necessariamente o intelecto conhecente (sic) será verdadeiro, na medida em que tem semelhança com a

próprio do ser humano, pois, ainda que não se saiba de tudo, não quer dizer que não se sabe de nada.

⁸ Grifo nosso.

⁹ Retomaremos a análise desta questão mais a frente; porém não é nossa pretensão esgotar o tema, uma vez que queremos delimitar o modo como a verdade opera.

¹⁰ Grifo nosso.

¹¹ [a verdade é a adequação (= conformidade, correspondência) entre a inteligência e a coisa]

coisa conhecida que é a forma do mesmo, enquanto conhecente (sic). E por isso, a verdade é definida como a conformidade [adequação] da coisa com a inteligência. Donde, conhecer tal conformidade é conhecer a verdade (AQUINO, S.T., I, q. 16, a. 2).

Aqui estaria, enfim, delimitado o conceito de Santo Tomás, onde a verdade residiria, eminentemente, na inteligência e, de forma secundária, nas coisas. Percebe-se, então, como funciona a relação de dois termos: uma é a pessoa que conhece e outra o objeto conhecido.

A VERDADE EXISTE NO INTELECTO.

Agora que está demarcada a noção de verdade, de acordo com o Aquinate, esta seção do artigo analisará o modo como essa operação ocorreria no intelecto humano. Sabe-se que a verdade é a adequação entre o real e a inteligência. No entanto, pode parecer um tanto estranho – principalmente para os filósofos modernos – como se daria tal processo.

Santo Tomás de Aquino, para proceder de modo mais claro, confronta a verdade lógica (que reside na inteligência) com a verdade ontológica (que diz respeito às coisas), para melhor compreender as diferenças e delimitar a primeira de modo evidente.

A verdade ontológica consistiria em conformidade de uma coisa com a intenção daquele que a fez, sendo o seu princípio e origem quem lhe outorga as suas condições para existir; isso implica dizer que todo o ser deve possuir a sua forma única e própria para ser verdadeiro.

Uma coisa é verdadeira enquanto possui a forma que corresponde à sua natureza. Noutros termos, uma coisa é verdadeira quando deve ser para ser tal coisa e não outra. Fala-se, assim, de um couro verdadeiro (legítimo), de uma casa verdadeira. São verdadeiros na medida em que suas formas próprias constituem as coisas e a inteligência do seu autor. A verdade na inteligência que estamos tratando, será, também, uma igualdade de “formas”. Conformidade da natureza concreta da coisa, como no primeiro caso, com, desta vez, toda a inteligência que a conhece (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 35).

Aqui se pode notar, por essa diferenciação, que o intelecto que conhece obtém algo de novo que abstrai da própria coisa, adquirindo, desta maneira, uma semelhança com o próprio objeto. É preciso que haja conformidade entre os dois para que o conhecimento seja verdadeiro. Por isso a afirmação de Santo Tomás: “o intelecto conhecente (sic) será verdadeiro, na medida, em que tem semelhança com a coisa conhecida” (AQUINO, S.T., I, q. 16, a. 2). A esta operação dá-se o nome de *conceito*. Porém, o conceito é algo que não tem

que estar, necessariamente, adequado ao real. Ou seja, ainda que exista, no ser humano, a capacidade de visualizar este conceito, mesmo que ele corresponda ao real, o conceito só será verdadeiro na medida em que a inteligência se adeque, conforme-se¹², com a coisa real. Assim, o conceito estaria plenamente verdadeiro quando é possível identificá-lo na realidade.

Ainda que o intelecto humano reconheça, através de vários conceitos, o que venha a ser uma arma, a adequação do intelecto à verdade apenas acontecerá quando houver um encontro entre o sujeito e a arma e, por conseguinte, uma identificação do conceito com a coisa real. Quando surgir a afirmação *é uma arma*, haverá, então, a verdade no intelecto conformada ao real.

No entanto, há a necessidade de se definir onde, exatamente, tal verdade, em qual faculdade, ela residiria. O Aquinate parte da evidência essencial de que as coisas existem por si; tudo aquilo que é, é em ato. “Para Santo Tomás é impossível que possam coexistir duas coisas contraditórias; a realidade e a inteligibilidade correspondem-se, mas uma coisa deve primeiro *ser*, para ser inteligível” (CHESTERTON, 2003, p. 127).

Os sentidos sensoriais serviriam como porta de entrada para que os objetos tenham em contato com a consciência para o reconhecimento da realidade e, por consequência, abrir-se ao conhecimento; ou seja, transmitem-se ao intelecto as informações contidas no mundo através da sensibilidade.

“O conhecimento sensível começa pela atividade dos sentidos externos (visão, audição, tato, olfato, gosto). É uma percepção imediata do objeto fisicamente presente. Cada uma apreende uma qualidade particular do real (cor, som, etc.), ao receber uma similitude sensível” (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 37).

É importante ainda frisar que, para Santo Tomás, a sensibilidade – ou os sentidos sensoriais –, quando procede de maneira indevida, isto é, percebe o mundo de uma maneira atípica ou de modo equivoco, configuraria um erro no próprio juízo, o que não caracterizaria uma realidade desfigurada. “Mas, de serem [os sentidos] às vezes afetados de maneira diferente da realidade, resulta nos exprimirem a coisa diferentemente do que ela é; e então, eles nos enganam em relação à coisa; mas não em relação ao sentir, em si mesmo” (AQUINO, S.T., I, q. 17, a. 2).

Por aqui, pode-se perceber que, ainda que se tenha certo conhecimento advindo através dos sentidos, não quer dizer, contudo, que a verdade lógica resida nela, pois é somente uma afetação da sensibilidade. “Se se diz que a

¹² A palavra conformar-se no latim ajuda a compreender melhor esta afirmativa: o prefixo *com*, significa “junto”, enquanto *formare* indica “dar a forma”. Pode-se perceber, assim, que conformar-se possui, desde sua origem, essa implicação de ter junto de si a forma.

sensação é verdadeira, é sobretudo sobre o modelo da verdade ontológica. ‘A verdade pode estar nos sentidos (no conhecimento sensível) como numa coisa verdadeira’” (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 37-8).

Apesar de toda a capacidade de apreensão do real, que os sentidos proporcionam, esta faculdade sensitiva não parece satisfazer o intelecto humano. Para o Aquinate, “a perfeição do intelecto é a verdade enquanto conhecida” (AQUINO, S.T., I, q. 16, a. 2). Isso indicaria que o intelecto só estará plenamente realizado quando conhecer a coisa. Nesse sentido, não bastaria associar as propriedades que tais coisas possuem, é preciso que o intelecto descubra a natureza mesma do objeto conhecido.

Uma vez que a natureza de uma coisa ultrapassa suas propriedades físicas, é a uma potência material que ele voltará a aderir, isto é, à inteligência. E, de fato, o primeiro contato da inteligência com o real sensível consiste em abstrair a natureza. Essa primeira operação do espírito se chama “a simples apreensão”. Sua função é descobrir o que é a coisa, ler sua quiddidade. Por abstração, forma o conceito da coisa (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 38).

Como foi visto anteriormente, a coisa não é adquirida pela inteligência em sua matéria, mas em sua forma, e é justamente essa forma que a pessoa humana busca quando está tentando conhecer algo. Aquilo que a coisa é indicaria a sua propriedade específica, ou seja, a sua própria função. E a faculdade que consegue distinguir essas diferenças é justamente o intelecto, que abstrai, da matéria, as formas das coisas. E, através dessa abstração, é que ocorreria a adequação à verdade.

A VERDADE E O SER SÃO ANÁLOGOS.

Viu-se que a verdade, presente no intelecto que conhece, busca adequar-se à coisa conhecida. E sabe-se que dois são os termos que são comunicados no conceito de verdade: a *inteligência* e o *real* (que para Santo Tomás é o próprio ser) (Cf. AQUINO, S.T., I, q. 16 a. 2). É preciso considerar, agora, se há uma predominância da inteligência sobre a realidade, ou, do modo contrário, a realidade existe para que se possa conhecê-la.

Esta questão é importante para considerar o modo como se percebe o mundo; de um lado, se o verdadeiro é anterior ao ser, ter-se-ia de assumir que o pensamento precede a existência das coisas (ao modo de Descartes). “A verdade, em resumo, cessa de ser relativa ao ser, para estar ligada à única luz interior do espírito, pensando-se este a si próprio” (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 50).

É preciso considerar que, para o Aquinate, o ser era – ao modo de Aristóteles – um ser em si e que equivale à noção de substância, ou seja, o ser é a substância da coisa:

Na verdade desde os tempos mais antigos, assim como agora e sempre, o que constitui o eterno objeto da pesquisa e o eterno problema “que é o ser”, equivale a isso: “Que é a substância” [...]; por isso também nós, principalmente, fundamentalmente e unicamente, por assim dizer, devemos examinar o que é o ser entendido nesse sentido (Aristóteles 2005, 1028b).

E essa substância, segundo pensa o Filósofo, deve ser entendida, de modo mais correto¹³, ou seja, como a essência das coisas. Neste sentido, a substância é aquilo que existe de mais íntimo na realidade; e Santo Tomás adota essa postura e coloca o ser como fundamento da existência e, por conseguinte, demonstra que, a partir da inteligência, pode-se chegar ao conhecimento da verdade que reside nas coisas.

Acreditamos que uma fundamentação puramente ontológica não seja suficiente para concluir que a verdade encontre-se primeiramente nas coisas, haja vista que deixa por esclarecer qual seria o papel do intelecto na busca da verdade, tornando-o passivo no processo. Como a verdade é uma relação do intelecto com a coisa e o conhecimento envolve abstração e posterior conformidade da coisa com aquilo que existe de modo universal no intelecto, logo, o papel do intelecto na busca pela verdade parece ser um pouco mais ativo já que é ele quem capta não somente a essência do ente quanto julga aquilo que o ente é a partir dessa mesma essência abstraída (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 51).

Santo Tomás entende que o ser é conversível com a verdade, posto que ela mesma se apresenta nas coisas. “Como o bem tem a natureza de apetecível, assim a verdade se ordena ao conhecimento. Ora cada ser é cognoscível na medida em que é; [...] a verdade existente nas coisas converte-se substancialmente com o ser” (AQUINO, S.T., I, q. 16, a. 3). Da verdade, atribuída ao ser, se diz que esta se apresenta de modo análogo¹⁴ a uma

¹³ Para Aristóteles a substância pode ser considerada de três modos: no sentido mais impróprio como matéria, depois como sínolo, composto de matéria e forma e por fim, de modo mais exato, como a forma que é a essência das coisas. Para melhor análise desta distinção consultar o livro de Giovanni Reale: **Metafísica: Ensaio Introdutório I**. São Paulo: Loyola, 2005.

¹⁴ Todo o dado particular é referido a um primeiro termo, pois que todos os entes finitos são afirmados com relação necessária a ele. Temos assim uma verdadeira unidade de ordem

inteligência. Isso significa afirmar que aquilo que é análogo o é tão somente por ser conhecido por uma inteligência e é por isso recebe o nome de *verdadeiro*. Deste modo, a verdade ontológica é idêntica ao ser em sua substância¹⁵. Sempre se pode dizer, portanto, que aquilo que é, é verdadeiro.

Na verdade lógica, a verdade é conversível com o ser, “como o [que é] manifestativo (sic) com o manifestado” (AQUINO, S.T., I, q. 16, a. 3). Na inteligência, o ser proclama a sua verdade, o ser se manifesta no sujeito cognoscente existindo em sua plenitude, mostrando-se a natureza do objeto.

A lição é simples, é a da *primazia do real*. O mundo que me envolve existe realmente, independentemente de mim. E entrega-se ao meu conhecimento precisamente porque existe. A verdade é o real enquanto conhecido exatamente. Real que não esperou ser conhecido para existir (IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 52).

Daqui, pode-se voltar àquela questão anterior postulada logo no início; percebe-se que, apesar da verdade residir primeiramente na inteligência e depois nas coisas, não se quer indicar, contudo, que o ser não possa ser considerado como conversível com a verdade. O ser existiria, portanto, e se apresentará de forma totalmente independente do sujeito pensante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de esclarecida a situação da verdade, é preciso levar em consideração o modo como a pessoa humana se porta diante dela. Buscar a verdade é estar consciente do mundo que circundante e, além disso, do reconhecimento dos limites do aparelho cognitivo. Além disso, conhecer a essência humana e saber para onde se vai seria o dever primário de qualquer pessoa. A perfeição da inteligência, portanto, residiria justamente em tal busca. Dever-se-ia, assim, acontecer uma união entre aqueles que, por uma busca ardorosa e sincera, procuraram a verdade.

Aquele que se aprofunda no estudo da verdade é beneficiado de dois modos pelos outros: recebemos ajuda direta daqueles que encontraram a verdade [...]. Os pensadores são ajudados indiretamente por seus antecessores, que com seus erros dão motivos aos outros

em que subsiste a pluralidade. Esta espécie de A., em que uma propriedade se diz de um ser por referência a um outro do qual depende, chama-se, em linguagem filosófica corrente, *analogia de atribuição*. A propriedade significada pelo termo realiza-se na sua plenitude formal no ser de que os outros dependem. (PIRES, C. **Analogia**. In: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, 1987, pp. 247–254)

¹⁵ Para Santo Tomás de Aquino, a substância é aquilo que existe em si e subsiste por si. Isso significa dizer que o ser e a verdade são uma só realidade vista de ângulos diferentes.

para descobrir a verdade por meio de uma reflexão mais séria. Convém, em consequência, que sejamos reconhecidos a todos aqueles que nos ajudaram a conquistar o bem da verdade (AQUINO apud. IR. JEAN-DOMINIQUE, 2015, p. 67).

Buscar a verdade, portanto, imporia, à pessoa humana, um dever perante o mundo, pois, somente através da verdade é que se poderia ver, de modo plenamente consciente, as coisas; seria preciso, assim reeducar a inteligência para que ela possa se submeter à verdade. Dever-se-ia perceber, então, que a verdade não é uma ideia construída de modo subjetivo. Desta forma, os que a buscam – ao modo de Santo Tomás – estariam exercendo a virtude da humildade¹⁶, uma vez que, quando a pessoa humana se submete ao mundo tal qual ele se apresenta, a atitude mais sensata seria, logo, tentar conhecê-lo. Chega-se, assim, à conclusão de que o mundo não é criado pelo sujeito pensante, posto que tal mundo existe muito antes do surgimento de tal sujeito e continuará a existir depois que este deixe de existir.

Além disso, muitas filosofias atuais parecem ter esquecido justamente disto. Desta forma, é preciso não fugir da realidade que está dada. Em alguns casos, os filósofos até mesmo parecem desejar que as noções de verdade e do bem fossem retiradas de seu próprio íntimo; “[os agnósticos modernos] dadas as suas limitações, não puderem alcançar uma visão completa do homem, muito menos, uma visão completa da natureza. Começaram por pôr de lado o que chamaram de incognoscível” (CHESTERTON, 2003, p. 139). Seria preciso regular o intelecto a partir da objetividade das coisas que se apresentam para a consciência humana.

Buscou-se transmitir, neste artigo, as diversas faces que a verdade assume no pensamento de Santo Tomás de Aquino. Apesar deste modesto artigo não apresentar as mais diversas proposições que contrariam a verdade como uma adequação, acredita-se que este pode servir para uma futura reflexão mais aprofundada sobre como a verdade poderia auxiliar o sujeito pensante para se chegar ao termo e fim que o intelecto busca.

¹⁶ “A humildade é o princípio do aprendizado”, dizia Hugo de São Vitor e com isto compreendia que aqueles que não possuem humildade não podem ser sábios, uma vez que somente o humilde está disposto a sempre aprender, não importa de quem seja; do modo inverso aquele que se tem por culto e sábio desprezará os ensinamentos dos demais, pois em seu orgulho acreditará saber tudo o que precisa. SÃO VITOR, Hugo. **Opúsculo sobre o modo de aprender e meditar**. In: <http://www.cristianismo.org.br/pfp-03.htm>. Acessado em: 17/02/2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Tomás. (1988) *Súmula contra os gentios*. Tradução: Luiz João Baraúna. In: Seleção de textos / Sto. Tomás de Aquino e Dante Alighieri. São Paulo: Nova Cultural,1988.

_____. (1988) *Suma Teológica*. Tradução: Alexandre Correia. In: Seleção de textos / Sto. Tomás de Aquino e Dante Alighieri. São Paulo: Nova Cultural,1988.

_____. (1988) *Questões disputadas sobre a verdade*. Tradução: Luiz João Baraúna. In: Seleção de textos / Sto. Tomás de Aquino e Dante Alighieri. São Paulo: Nova Cultural.

ARISTÓTELES. (2005) *Metafísica*. Tradução: Porto M. Perine. São Paulo: Edições Loyola.

CHESTERTON, Gilbert Keith. (2003) *Santo Tomás de Aquino: biografia*. Tradução: Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: LTr.

IR. JEAN-DOMINIQUE. (2015) *A verdade. Apêndice: Pascendi Dominici Gregis, de São Pio X*. Tradução: Formosa, GO: Edições Santo Tomás.

SILVA FILHO, Paulo Vicente (2014) *O problema da verdade na filosofia de Santo Tomás de Aquino*. Dissertação de mestrado:Universidade Federal de Pernambuco.